



O SEGUIMENTO, EIXO DA MORAL CRISTÃ

Uma abordagem à luz da Veritatis splendor

*Prof. Dr. Pe. Pedro Moraes Brito Júnior**

O seguimento é a “fórmula breve do cristianismo”¹. Tal realidade é afirmada pela encíclica *Veritatis splendor* ao declarar que “seguir Cristo é o fundamento essencial e original da moral cristã” (VS,19). O viver cristão outra coisa não é que viver em Cristo.

A quinta conferência, com o seu tema - “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. Eu sou o caminho, a verdade e a vida” – proporciona a oportunidade de repensar o tema do seguimento, pois este, juntamente com o testemunho, são dois aspectos essenciais da resposta do discípulo².

A categoria do seguimento oferece a possibilidade de ser um ponto de convergência e unificador a fim de que o discurso teológico seja perpassado da sua integralidade tão reafirmada nos dias atuais. Além do mais, tal categoria destaca para a teologia não somente a centralidade do mistério de Cristo em sua reflexão, bem como a necessidade que sua inteligência tenha uma função eminentemente teológica. Ou seja, compete a teologia ajudar os fiéis a viver no seguimento de Cristo hoje.

A fundamentação da moral cristã no seguimento de Cristo, tal qual vem afirmada em *Veritatis splendor*, permite uma conciliação maior entre moral e espiritualidade que torna o discurso daquela mais denso e fecundo. Trata-se de um ensinamento rico que vale a pena ser retomado para a compreensão desta resposta do discípulo em chave ético-espiritual.

¹ SOBRINO, 1993, p. 1289.

² CELAM, 2005, p. 38.

1. A Encíclica

Veritatis splendor é a décima encíclica no pontificado do Papa João Paulo II e representa verdadeiramente uma novidade no magistério da Igreja, enquanto busca, de uma forma mais ampla e profunda, tratar das questões relativas aos próprios fundamentos da teologia moral, que na situação atual são atacados por algumas tendências (cf. VS 5). Realiza esta empresa “tendo como referência o ensinamento bíblico, a tradição eclesial e os delineamentos da teologia moral depois do Vaticano II”³.

Foi realmente uma encíclica longamente esperada. O seu primeiro anúncio deu-se por ocasião do segundo centenário da morte de Santo Afonso, padroeiro dos moralistas e confessores. Assim exprimiu-se o Papa: “De sua parte, esta Sé Apostólica não deixará de apresentar sua contribuição própria de orientação, analisando, num próximo documento, de modo mais amplo e profundo, as questões referentes aos fundamentos da teologia moral”⁴. Foi, enfim, promulgada no dia 06 de agosto de 1993 e publicada no dia 05 de outubro sucessivo. Trata-se de um documento pontifício endereçado aos bispos, em vista do seu discernimento pastoral, a fim de que, precisando “*alguns aspectos doutrinais que se revelam decisivos*”, possa-se “*debelar aquela que constitui, sem dúvida, uma verdadeira crise*” (VS 5) no mundo e na Igreja⁵.

O documento pontifício tem uma estrutura muito simples. É composto de uma introdução que clarifica o ponto de partida e o objetivo do texto; de um primeiro capítulo de caráter substancialmente bíblico e que fornece o fio condutor, que no documento reaparece⁶. Segue-se o segundo capítulo, no qual o Papa busca concretamente realizar a obra de discernimento sobre a teologia moral da Igreja em confronto com

³ VIDAL, 1994, p. 5.

⁴ IOANNES PAULUS PP. II, 1987, p. 1374.

⁵ G. Mattai vê, nesta destinação aos bispos, o caráter prevalentemente pastoral do texto pontifício. Assim se expressa: “I destinatari della VS sono dunque i vescovi: di qui il taglio prevalentemente pastorale del testo che, se pur contiene anche rilevanti dati dottrinali, più che un’ esplorazione etica e teologica, appare un ammonimento, una direttiva a carattere disciplinare” (MATTAI, 1994, p. 26).

⁶ Cf. J. RATZINGER, *Perché un’ enciclica sulla morale? Riflessioni circa la genesi e l’elaborazione della “Veritatis splendor”*, em RUSSO, 1994, p. 14. O fio condutor é, para o então cardeal J. Ratzinger, o diálogo do jovem rico com o Senhor sobre a questão: “Mestre, que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?” A própria encíclica compreende-se como uma parte deste diálogo com Cristo (cf. *Ibid.*).

algumas tendências da teologia moral hodierna; depois, o terceiro capítulo, que insere as indicações do primeiro e segundo capítulos no contexto da vida da Igreja e da sociedade. Seria realmente o capítulo pastoral do documento⁷. Por fim, aparece a conclusão na qual o Santo Padre realiza uma meditação sobre Maria, Mãe de misericórdia, aclamada desta forma “porque Jesus Cristo, seu Filho, foi mandado pelo Pai como Revelação da misericórdia de Deus (cf. Jo 3,16-18)” (VS 118).

Veritatis splendor é um denso documento pontifício composto de 120 parágrafos e 184 notas de não fácil leitura e assimilação imediata. Esta dificuldade é perfeitamente compreensível pelo fim ao qual se destina o documento. Este deseja “enunciar os *princípios necessários para o discernimento daquilo que é contrário à ‘sã doutrina’*” (VS 30), diante das diversas tendências na sociedade atual e mesmo dentro da Igreja, que chega a se manifestar em uma “discordância entre a resposta tradicional da Igreja e algumas posições teológicas” (VS 4). Perseguindo este objetivo, o texto pontifício não aborda de uma maneira completa questões de teologia moral, reenviando para tal ao “*Catecismo da Igreja Católica*, que contém uma exposição completa e sistemática da doutrina moral cristã” (VS 5).

Portanto, a encíclica *Veritatis splendor* quer ser um valioso ponto de referência para o ensinamento da teologia moral, no que diz respeito às questões fundamentais que correm o risco de serem deformadas ou negadas no atual contexto histórico (cf. VS 4). O Santo Padre realiza esta obra de discernimento à luz do mistério de Cristo, ao qual a Igreja deve ser fiel. Ou melhor, é a fidelidade a Cristo que o conduz a esta obra, tendo em mente que a vida moral encontra o seu fundamento essencial e original no seguimento de Cristo (cf. VS 19). Em continuação à linha cristocêntrica, aberta com a encíclica *Redemptor hominis*, o Papa reconduz o discurso moral à sua fonte originária e leva avante e a cumprimento o desejo do Concílio⁸ e um processo iniciado com a teologia pós-conciliar⁹.

⁷ Cf. *Ibid.*, 18.

⁸ Na grande missão de renovar a Igreja, adaptando-a às circunstâncias atuais, o Concílio pede o renovamento da teologia moral a fim de que ela possa ser mais centralizada no mistério de Cristo. “Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade, para a vida do mundo” (OT, 16, em AAS 58 [1966] 724). O Concílio, além de recordar que a teologia moral deve ser mais recheada da Palavra de Deus, que é “como que a alma de toda a teologia” (*Ibid.*, 723), convida também a fazer de tal modo que a vida moral seja libertada

2. *Veritatis Splendor*: Moral Radicada no Mistério de Cristo

É interessante ter presente que o tema da *sequela Christi* na *Veritatis splendor* faz parte da forte concentração cristológica¹⁰ de que é assinalado o documento pontifício e é, ao mesmo tempo, uma ponte de ligação da questão moral à pessoa de Cristo. O tema da *sequela Christi* situa-se e encontra a sua razão de ser no nexu fundamental que o Santo Padre busca reafirmar, que é a relação entre fé e moral¹¹. A questão moral diz respeito em última instância a Deus e, por conseguinte, trata-se de uma questão religiosa.

A encíclica faz perceber que viver moralmente bem significa viver em Cristo e por Cristo e, portanto, é Ele a fonte e possibilidade da moral cristã, a “luz verdadeira que a todo o homem ilumina” (VS 1) e o conduz a encontrar a verdade que resplandece no seu rosto e que se reflete na “Igreja, que ele envia pelo mundo inteiro a anunciar o Evangelho a toda criatura” (VS 2).

O primeiro capítulo fornece o fio condutor da encíclica que aparece no diálogo do jovem rico com o Senhor sobre a questão: “Que devo fazer para obter a vida eterna?” (Mt 19,16). Na escuta das palavras do Mestre, emerge o específico cristão: a chamada de Jesus ao seu seguimento, portanto, a marca, que o primeiro capítulo dá a todo o texto pontifício, baseia-se sobre a categoria com a qual define a moral cristã: é a moral do seguimento. Esta exige adesão do homem à pessoa de Cristo, adesão que leva a uma transformação profunda das próprias raízes que se referem à

“da un legalismo esasperato e senza volto e incentivando invece la dinamica filiale di una assimilazione a Cristo nell’obbedienza al Padre” (A. AMATO, *La morale cristiana come vita in Cristo*, em LUCAS LUCAS, 1994, p. 171).

⁹ Cf. *Ibid.*

¹⁰ Sobre a concentração cristológica da VS assim expressa-se R. Tremblay: “Quando, dopo una lettura attenta, si richiude l’Enciclica VS non è possibile non essere colpiti dalla sua forte ‘concentrazione cristologica’. Si potrebbe quasi dire che Cristo è onnipresente” (TREMBLAY, 1996, p. 37).

¹¹ “E’ contro questo arrendersi troppo facile allo ‘spirito del tempo’ o alla ‘cultura’ predominante che il Santo Padre reagisce, quando insiste *sull’importanza di una morale profondamente unita alla fede*. In queste pagine, voglio anzitutto analizzare questo rapporto così come è presentato dalla VS (1). I risultati di questa ricerca ci metteranno subito di fronte a una questione di fondo: alla fine, che cosa è in gioco nell’unione tra la morale e la fede? Cercando di rispondere a questa domanda, scopriremo che tale unione è, in definitiva, il calco del dialogo tra l’uomo e Dio, dialogo che, risalendo più sopra nell’Enciclica, prende i contorni specifici dell’incontro del ‘giovane’ del Vangelo con la persona di Gesù Cristo” (*Ibid.*, 100).

realidade humana. “O discernimento sobre os fundamentos, sobre as premissas teóricas do agir, portanto, é ainda dentro daquela exigência de imitar Cristo que nasce da adesão à sua pessoa. (...) É a autenticidade do relacionamento do cristão com Jesus a requerer em cada nível a explicitação dos obstáculos, de tudo aquilo que divide, fragmenta, corre o risco de ‘desligar Cristo’”¹². Contudo, como o seguimento “não se trata apenas de dispor-se a ouvir um ensinamento e de acolher na obediência um mandamento”, porém, “mais radicalmente, de *aderir à própria pessoa de Cristo*, de compartilhar a sua vida e o seu destino, de participar da sua obediência livre e amorosa à vontade do Pai” (VS 19), a Igreja é chamada a seguir Jesus até à cruz, dando testemunho da verdade que Ele quis nos ensinar. No seu ministério pastoral no mundo, a Igreja não deve render vã a cruz de Cristo, mas encontrando nessa o exemplo de total fidelidade e adesão à verdade dada por Cristo, que foi por isso ressuscitado ao terceiro dia, deve manter-se fiel até o fim.

“Dos primeiros momentos do encontro do jovem do evangelho com Jesus, este nos aparece, portanto, como o centro da vida moral do homem de todos os tempos: ele é aquele que, na sua encarnação e na sua ressurreição, desvela, na Igreja, a resposta aos interrogativos que ele mesmo suscita”¹³. Se o dirigir-se a Jesus, da parte do jovem, já manifesta a conexão cristológica à moral, pois ele pergunta a Jesus sobre aquilo que é bom para alcançar a vida eterna, a resposta de Jesus, mais claramente, mostrará o seunexo à moral.

3. A Sequela Christi

Se a busca da felicidade e do autêntico significado da vida é o primeiro modo com o qual a *Veritatis splendor* une a moralidade à lógica do Evangelho, o segundo será a *sequela* que representa um ideal de entrega total e vida de perfeição: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possúires, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me” (Mt 19,21). Contudo, para chegar a este ponto, o Santo Padre faz um caminho, partindo de uma moral dos mandamentos (cf. VS 11) até à interiorização e radicalização das exigências dos mesmos em Jesus (cf. VS 15) pelo seguimento (cf. VS 19).

¹² P. LAGHI, *Introduzione: Cristo, Dio-Uomo*, em LUCAS LUCAS, 1994, p. 15.

¹³ TREMBLAY, 1996, p. 40-41.

É buscando explicitar o sentido da questão posta a Jesus pelo jovem e o sentido da resposta de Jesus a este que o Papa faz esse caminho. “Jesus, com delicado tato pedagógico, responde conduzindo o jovem quase pela mão, passo a passo, em direção à verdade plena” (VS 8). Na sua primeira resposta, Jesus afirma que o bem consiste em pertencer a Deus e obedecer-lhe através da observância dos mandamentos: “Se queres entrar na vida eterna cumpre os mandamentos” (Mt 19,17). Estes são manifestação de Deus que “dá-se a conhecer e identifica-se como aquele que ‘só é bom’; como aquele que, não obstante o pecado do homem, continua sendo o ‘modelo do agir moral, conforme o seu próprio apelo: ‘Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo’ (Lv 19,2)” (VS 10).

Depois de haver perguntado a Jesus pelos mandamentos em concreto e haver escutado o elenco que Ele faz de alguns mandamentos referentes à “segunda Tábua”, por meio dos quais Jesus busca remeter o jovem para a centralidade do Decálogo relativamente a qualquer outro preceito (cf. VS 13), o jovem ainda pergunta a Jesus: “Tenho cumprido tudo isto: *que me falta ainda?*” (Mt 19,20). A resposta de Jesus leva à busca da realização da vocação ao amor perfeito no seguimento, “radicalização do mandamento do amor ao próximo” e “nova forma concreta do mandamento do amor de Deus” (VS 18). No seguimento o homem é chamado de forma íntima a entreter-se com Cristo¹⁴ e ter no comportamento, palavras, ações e preceitos de Jesus a sua regra moral.

A moral cristã é aqui explicitamente apresentada como uma moral do seguimento a Cristo. Esta é a orientação valiosa que, desde o início da encíclica, o Papa quer sublinhar. Esta tem ao centro Cristo que chama e que, respeitando a liberdade do homem, espera a sua resposta. Neste enfoque fica claro que a moral cristã situa-se em um esquema que, de um lado, existe a gratuidade de Deus e, do outro, a resposta amorosa do homem.

O caráter decisivo desta forma de compreender a moral cristã fica claro, quando o Santo Padre afirma que o seguimento “*é o fundamento essencial e original da moral cristã*” (VS 19). Dizer *fundamento* significa dizer

¹⁴ “Ciò che contraddistingue la morale cristiana dalle prescrizioni date da Dio a Israele (morale veterotestamentaria) o che si trovano disseminate nel cuore dell'uomo (morale naturale) (VS 12), è strettamente connesso con la persona di Cristo, il profeta escatologico. Le sue prescrizioni sono infatti l'ultima e vincolanti parola di Dio agli uomini” (M. CONTI, *La morale dell'alleanza*, em CONCETTI, 1994, p. 30).

qualquer coisa da qual não se pode prescindir e somente por meio da qual se pode levar um objetivo a cumprimento. Dizer *original* significa dizer qualquer coisa que é próprio, específico e que não pode ser substituído. Contudo, o Papa tem o cuidado de sublinhar a excelência da figura de Cristo neste modo de orientar a conduta moral, quando diz que o seguimento não consiste em simples imitação exterior, mas tornar-se conforme a Jesus, (cf. VS 21) aderindo à sua pessoa (cf. VS 19). Portanto, não se trata de seguir ideias ou ideais, mas sobretudo uma pessoa concreta.

Este caminho realiza-se antes de tudo pela estrada do amor (cf. VS 20) e através de um dom de Cristo, que é obra do Espírito Santo e da graça, oferecida na Igreja por meio dos sacramentos. Aqui reside a centralidade da dimensão cristológica, pois não obstante seja livre, o homem sente a dificuldade de aderir à verdade doando-se a ela. Esta é a experiência que o jovem rico sente depois de haver escutado o convite de Cristo. Relacionando a liberdade à graça, ou seja, a Cristo, o Santo Padre mostra que o Cristo, que suscita os interrogativos morais, chama ao seu seguimento, concede também a possibilidade de realização da liberdade¹⁵ do homem, ajudando-o, sem omitir a sua resposta responsável, (cf. VS 24) a responder ao seu convite “vem e segue-me” (Mt, 19,21).

4. Características do Seguimento na *Veritatis Splendor*

Em fidelidade aos ensinamentos do Vaticano II, *Veritatis splendor* agancha a moral a Cristo, buscando fazer com que o homem, tantas vezes envolvido pelas trevas e tendo a sua capacidade de conhecer a verdade ofuscada (cf. VS 1), encontre no seguimento a Cristo a luz que o conduza à verdade e plenifique, deste modo, a sua vida de significado. A categoria do seguimento, colocada como elemento característico da vida moral

¹⁵ “Come nel caso dell'uomo considerato nella sua totalità, la grazia liberatrice portata dal Cristo non soppianta o non cancella la libertà umana, ma ne rispetta la dignità e la spinge al superamento di sé nel servizio senza limiti di Dio e dei fratelli. È in questo che si realizza il dono cristico della ‘libertà dei figli’ di cui parla il primo capitolo” (R. TREMBLAY, *L'“antropologia cristocentrica” della Veritatis Splendor, condizione di realizzazione dell'uomo e del suo agire morale*, em RUSSO,1996, p. 191). O Papa afirma que “*só no mistério da Redenção de Cristo se encontram as ‘concretas’ possibilidades do homem*”. “Cristo redimiu-nos! O que significa que ele nos deu a *possibilidade* de realizar *toda* a verdade do nosso ser” (VS, 103, em AAS 85 [1993] 1214).

cristã¹⁶, faz ressaltar, sobretudo, a idéia de que esta encontra a sua fonte em Cristo, pois é Ele quem chama. Viver moralmente bem significa viver seguindo os passos de Jesus em um empenho cotidiano de conformação a Ele. Esta é a simplicidade da vida moral cristã (cf. VS 119). Contudo, como o documento delinea este sim dado a Jesus pelo seguimento, ou melhor, que significa ser filho no Filho (cf. Ef 1,4-5) através do seguimento?

4.1 Dimensão de Resposta

O texto escolhido pelo Santo Padre, por meio do qual procura mostrar em que consiste a vida moral cristã, deixa bastante claro a dimensão de resposta que esta contém e que se exprime através do seguimento. Aliás, já antes, falando da moral vetero-testamentária, o Pontífice salientava a dimensão de resposta, quando afirma: “A *vida moral apresenta-se como a resposta* devida às iniciativas gratuitas que o amor de Deus multiplica em favor do homem” (VS 10). O próprio Jesus faz referência ao código da Aliança, respondendo à pergunta do jovem: “Mestre, que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?”. Trata-se, aqui, da moral da Aliança¹⁷ que, porém, encontrará a sua plenitude na nova e eterna Aliança firmada com o sangue de Cristo.

Com a referência aos Dez Mandamentos Jesus remarca a centralidade da Aliança na história da salvação¹⁸, mostrando o caminho inicial para responder à questão moral formulada pelo jovem. A reação do jovem, insatisfeito com a resposta, faz com que Jesus expresse aquilo que constitui a resposta máxima ao que significa viver moralmente bem: o seguimento. Este constitui-se a expressão por excelência para responder a iniciativa amorosa de Deus revelada em plenitude na pessoa de Jesus Cristo.

A iniciativa amorosa de Jesus manifesta-se pelo seu convite a segui-lo e tem, como afirma o Santo Padre, um caráter de *proposta* (cf. VS

¹⁶ M. Vidal afirma que “no se puede dejar de reconocer la clarividencia de la encíclica al situar el seguimiento de Jesús en el corazón de la vida moral cristiana” (VIDAL, 1994, p. 53).

¹⁷ É interessante ter presente que a referência à moral do AT, definida como moral da Aliança e que depois se perpetua na Nova Aliança selada por Cristo, já supõe a dimensão de resposta, pois o termo Aliança implica um relacionamento bilateral. O seguimento, portanto, não é mais que uma plenificação do caráter de total doação desta dimensão responsorial.

¹⁸ Cf. CONTI, 1994, p. 38.

17). Esta dimensão de proposta “*comprova a relação fundamental da liberdade com a lei divina*” (VS 17). Assim como a obediência aos mandamentos é “*a primeira etapa no caminho para a liberdade*” (VS 13) e para a perfeição, o seguimento é expressão daquela “*maturidade no dom de si a que é chamada a liberdade do homem*” (VS 17). Seguir é, portanto, aderir livremente à pessoa de Cristo respondendo a seu chamado de vida de comunhão, para assim trilhar a estrada da perfeição a que todo homem é chamado (cf. VS 17).

4.2 Seguimento: Caminho de Perfeição

A resposta amorosa do homem manifesta-se, antes de tudo, pelo desapego dos bens terrenos (cf. Mt 6,19-34) e através da bondade evangélica (cf. Mt 5,17-48)¹⁹ expressa no Sermão da Montanha, *magna carta* da moral evangélica, e que são expressão de uma busca de vida de perfeição²⁰. Estes elementos estão presentes na segunda resposta de Jesus ao jovem. Neste diálogo, manifesta-se a superação de uma compreensão legalista da vida moral para encontrar na pessoa de Jesus o modelo de perfeição²¹ à qual se destina a conduta moral.

Seguir a Cristo, para cumprir a sua palavra de ser perfeitos como o Pai celeste é perfeito (cf. Mt 5,48), significa corresponder àquela vocação a que todos os membros da Igreja são chamados: a vocação à santidade. Vocação que tem a sua raiz na consagração batismal por meio da qual o batizado é configurado a Cristo (cf. Rm 6). Neste sentido, assim exprimiu-se o Concílio: “Os seguidores de Cristo são chamados por Deus não por suas obras mas segundo o Seu desígnio e Sua graça. Eles são justificados no Senhor Jesus porquanto pelo batismo da fé se tornaram verdadeiramente filhos de Deus e participantes da natureza divina e portanto realmente santos. É, pois, necessário que eles, pela graça de Deus, guardem e aperfeiçoem em sua vida a santidade que

¹⁹ Cf. *Ibid.*, 42.

²⁰ Na perspectiva da moral da Aliança reafirmada por Jesus, pode-se dizer que a renúncia a si mesmo e aos bens terrenos, e o que afirma o Sermão da Montanha, são as cláusulas impostas por Jesus para um pacto com Ele no seguimento.

²¹ Falando das diversas imagens de perfeição presentes na VS, Katherine M. TePas afirma o seguinte: “The predominant image of perfection, offered throughout *Veritatis Splendor*, is Jesus Christ. (...) For John Paul II, the focus is on Jesus as the one who freely and obediently gives himself in love for God and for all humanity” (K. M. TEPAS, “If you wish to be perfect...” *Images of perfection in Veritatis Splendor*, em ALLSOPP - O’KEEFE, 1995, p. 49).

receberam”²². Por conseguinte, a perfeição é a dimensão propriamente moral do único apelo endereçado a todos os fiéis, que é o apelo à santidade²³, e deve ser considerada como o horizonte normal de toda a ética cristã (cf. VS 18).

A proposta de renovação moral que João Paulo II sugere não se limita apenas a uma moral de perfeição a que o homem é chamado a alcançar, tendendo ao fim pela observância dos mandamentos e prática das bem-aventuranças, mas sobretudo por uma incorporação a Cristo e a chamada ao seu seguimento²⁴. Nesta “acha-se concentrada em toda sua riqueza a perspectiva cristológica da perfeição e da moral cristã. A ‘sequela Christi’ é ‘o caminho e, por sua vez, o conteúdo desta perfeição’”²⁵.

4.3 Adesão à Pessoa de Cristo

A vida de perfeição que o seguidor é chamado a viver realiza-se, não somente dispondo-se a ouvir um ensinamento e acolher na obediência um mandamento, mas sobretudo num esforço de conformação e comunhão a uma pessoa: Jesus Cristo. “Trata-se, mais radicalmente, de *aderir à própria pessoa de Cristo*, de compartilhar a sua vida e o seu destino, de participar da sua obediência livre e amorosa à vontade do Pai” (VS 19). É neste aspecto que se apresenta a peculiaridade da moral evangélica enquanto estreitamente ligada à pessoa de Cristo²⁶.

Esta “real comunhão com o Senhor dá-se somente vivendo ‘como ele’, na observância dos mandamentos, ou melhor, do ‘seu’ mandamento”²⁷. Significa um estar com ele sigilado por uma aliança sponsal - *foedus cum Christo* - e a partilha de sua missão²⁸. É nesta

²² LG, 40, em AAS 57 (1965) 44.

²³ Cf. BRUGUES, 1994, p. 9.

²⁴ Cf. GARCÍA FERNÁNDEZ, 1994, p. 524.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ “Ciò che contraddistingue la morale cristiana dalle prescrizioni date da Dio a Israele (morale veterotestamentaria) o che si trovano disseminate nel cuore dell’uomo (morale naturale) (VS 12), è strettamente connesso con la persona di Cristo, il profeta escatologico” (CONTI, 1994, p. 30).

²⁷ BASTIANEL, 1993, p. 212.

²⁸ Cf. CONTI, 1994, p. 51.

busca de conformação através de uma comunhão íntima que a VS distingue o seguir Cristo de uma mera imitação exterior. “Ser discípulo de Jesus significa tornar-se conforme a ele, que se fez servo até o dom de si sobre a cruz (cf. Fl 2,5-8)” (VS 21) .

Este aspecto do seguimento como adesão à pessoa de Cristo é um aspecto essencial da encíclica, que quer mostrar que a moral cristã não se pode reduzir à observância dos preceitos, mas deve sempre estar referida à pessoa de Cristo²⁹. O agir do cristão, que deve ser um agir livre na verdade, significa sobretudo viver e comportar-se na verdade que é o próprio Cristo³⁰. Ou melhor, significa agir à luz de sua vida e dos seus exemplos. O agir cristão deve ser procurado em Deus que se manifestou plenamente em Cristo. Por conseguinte, definindo mais explicitamente o seguimento como adesão, conformação, configuração a Cristo por meio dos sacramentos (cf. VS 19-21), pode-se afirmar que na *Veritatis splendor* “a moral cristã entretém com Cristo relacionamentos *de tipo ontológico que evocam aqueles da árvore com suas raízes* (cf. Jo 15, 1-8)”³¹. Nesta compreensão pode-se perceber que o seguimento é uma realidade que supõe a interiorização da instância moral no homem.

4.4 Seguimento: Expressão de Amor

Seguir a Cristo, respondendo ao seu chamado de vida de perfeição na comunhão com Ele, significa viver no amor, o qual foi a marca fundamental de todo seu agir neste mundo. Neste sentido, o seguimento e a vida moral são uma resposta de amor, porque encontram em Cristo o modelo, a expressão maior de amor que chega à própria doação da vida: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

²⁹ Cf. DE LA POTTERIE, 1994, p. 163.

³⁰ I. de La Potterie, procurando esclarecer a proveniência do título da encíclica - que segundo ele parece inspirar-se de uma antiga tradição latina e patrística - chega à seguinte conclusão: “Quelle due parole esprimo no felicemente l’idea centrale che verrà sviluppata in tutto il Documento, ossia ciò che deve essere la caratteristica centrale della morale cristiana: l’agire del cristiano deve essere un agire ‘nella verità (*in veritate*), il credente deve vivere e comportarsi alla luce della vita e degli esempi di Cristo. Ricordiamo il grande testo di San Paolo: ‘Per me vivere è Cristo’ (Fil 1,21); da questo, proprio da questo, nasce la morale cristiana” (*Ibid.*, 166).

³¹ TREMBLAY, 1996, p. 112.

O amor, na vida de Cristo, vem caracterizado como total doação de si³², a serviço de Deus e dos irmãos, que é expresso pelo gesto do lavar os pés e pela sua morte de Cruz. Portanto, aqueles que desejam trilhar os caminhos do Senhor, *“Jesus pede para o seguir e imitar pelo caminho do amor, de um amor que se dá totalmente aos irmãos por amor de Deus: ‘O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei’ (Jo 15,12)”* (VS 20). Este é, de fato, o espírito dos mandamentos na Nova Aliança, que na pessoa de Jesus Cristo torna-se possível enquanto cumprimento, critério e modelo, isto é, a unidade entre amor ao próximo e amor a Deus. É por este amor que se distingue o seguidor de Cristo: *“O verdadeiro discípulo de Cristo se distingue tanto pelo amor a Deus como pelo amor ao próximo”*³³.

O seguidor é, por conseguinte, chamado a produzir frutos no amor³⁴ para a vida do mundo, demonstrando, desta forma, que a fé cristã não se reduz a um conjunto de proposições que o entendimento pode aceitar, mas trata-se sobretudo de uma verdade a ser vivida no amor (cf. VS 88). Um amor que pode ser vivido somente libertando a liberdade débil (cf. VS 86) na contemplação do mistério do Cristo crucificado como a raiz mais profunda da liberdade e expressando-se, à luz deste mistério de Cristo na cruz, através do dom total de si mesmo a Deus e aos irmãos (cf. VS 87) e que pode até chegar ao testemunho do martírio (cf. VS 89).

4.5 Seguimento e Graça

A vivência da liberdade do homem, que atinge o seu mais alto grau de maturidade através do seguimento, enquanto caminho de perfeição (cf. VS 17), realizando-se no amor, que é total dom de si, é somente possível por meio de um dom concedido por Deus, e que é a sua

³² *“The primary definition of love used in the encyclical is ‘the total gift of self’. This is the character of Jesus’ love which is to be imitated by all who follow him. It is a gift of service to others shown through the washing of the disciples’ feet. It is the love perfectly shown through Jesus’ passion, where he gave up his life for his friends (cf. n. 15, 18-21, 85, 87)”* (TEPAS, 1995, p. 49).

³³ LG, 42, em AAS 57 (1965) 48.

³⁴ A GS fala do amor que, sendo um dom sincero de si mesmo, é condição para que o homem encontre consigo mesmo plenamente (cf. GS, 24, em AAS 58 [1966] 1045). K. M. TePas fala do amor como dom de si mesmo, como uma descrição da perfeição que é presente nos escritos de João Paulo, já mesmo antes de tornar-se Papa (cf. TEPAS, 1995, p. 50-51).

graça. A conformidade a que o discípulo é chamado, seguindo os passos de Jesus, “é fruto da graça, da presença operante do Espírito em nós” (VS 21) e não unicamente das suas próprias forças. O próprio Cristo, que suscita os interrogativos morais no homem, chamando-o a uma vida de plenitude e significado, Ele mesmo oferece as possibilidades reais de realizar o imperativo moral e de alcançar a vida de perfeição no seguimento.

O dom de Cristo oferecido ao homem para corresponder ao seu apelo é o seu Espírito, cujo dom primeiro é a caridade (cf. VS 22). Portanto, o exercício da liberdade, que se realiza no dom total de si no amor, “trata-se de uma *possibilidade aberta ao homem exclusivamente pela graça*, pelo dom de Deus, pelo seu amor” (VS 24) que é o seu Espírito que foi derramado em nossos corações. A novidade da Nova Lei caracteriza-se pelo fato de que “*não se contenta em dizer o que se deve fazer, mas dá também a força de ‘praticar a verdade’* (cf. Jo 3,21)” (VS 24). Esta “*Nova Lei é a graça do Espírito Santo dada pela fé em Cristo*” (VS 24).

As exigências morais que o seguimento traz consigo, e que se refletem, por vezes, na dificuldade em praticar o bem moral, devem ser afrontadas à luz do homem redimido por Cristo e é no mistério de sua cruz que ele encontra as suas reais possibilidades: “*Só no mistério da Redenção de Cristo se encontram as ‘concretas’ possibilidades do homem*”. (VS 103). Neste sentido, *Veritatis splendor* deixa claro que a vida moral, enquanto seguimento a Cristo, é obra sobretudo da graça. Esta vem em ajuda da liberdade do homem tornando-o capaz da obediência à verdade expressa na Lei e acima de tudo em Cristo. Esta ajuda não anula a autonomia da liberdade do homem, pelo contrário, nela ele encontra as condições de realização, tendo em mente que a sua liberdade encontra a sua plenitude na adesão amorosa de Cristo que disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Conclusão

O seguimento não é um tema accidental à fé cristã, pois diz respeito ao aspecto constitutivo desta mesma fé. O cristianismo, em poucas palavras, traduz-se naquela expressão do prólogo do evangelista João: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Seguir é, portanto, aderir a uma pessoa que constitui a verdade e a certeza da fé cristã. O seguimento não pode ser senão um tema essencial e indispensável para compreender e viver o cristianismo.

Centrada no Mistério de Cristo, a teologia deve entender que é também tarefa sua compreender e ajudar a viver aquilo a que em Cristo fomos chamados: ser filhos. Tal realidade se concretiza na consciência do discipulado que se exprime no seguimento de Jesus. O seguimento, por conseguinte, torna-se um tema primordial para a reflexão teológica. Tal intento será possível se a teologia se explicita como saber uno, pois é na convergência das várias dimensões que é possível perceber a grandeza desse fundamento original e essencial da moral cristã, que é o seguimento.

Veritatis splendor configura-se como eco do concílio o qual destacou para a teologia e para os fiéis a necessidade da incorporação no mistério de Cristo e a sua vivência concreta no seu seguimento. Com este tema, a encíclica de João Paulo II ajuda a teologia moral a compreender a missão que lhe foi confiada: mostrar a grandeza da vocação dos fiéis em Cristo e a sua tarefa de produzir frutos no amor para a vida do mundo (cf. *OT*, 16). Tal grandeza de significado tornar-se-á concreta no aventurar-se a viver nos passos d'Aquele que, hoje ainda, diz a cada um de nós: "vem e segue-me"!

Referências Bibliográficas

1. Fontes

1.1 Fontes do Magistério

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio dogmatica de Ecclesia *Lumen gentium*, em AAS 57 (1964) 5-67.

----, Constitutio pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis *Gaudium et spes*, em AAS 58 (1966) 1025-1115.

----, Decretum de Institutione Sacerdotali *Optatam totius*, em AAS 58 (1966) 713-727.

IOANNES PAULUS PP. II. Litterae Apostolicae *Spiritus domini*, em AAS 79 (1987), 1365-1375.

----, Litterae Encyclicae *Veritatis splendor*, em AAS 85 (1993) 1133-1228.

CELAM, *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. (Jo 14,6), Documento de participação*, Paulus, São Paulo 2005.

1.2 Livros

RUSSO G. (a cura di), *Veritatis Splendor. Genesi, elaborazione, significato*, Edizioni Dehoniane, Roma 1994.

TREMBLAY R., *Cristo e la morale in alcuni documenti del Magistero: Catechismo della Chiesa Cattolica Veritatis Splendor Evangelium Vitae*, Edizioni Dehoniane, Roma 1996.

VIDAL M., *La propuesta moral de Juan Pablo II. Comentario teológico-moral de la encíclica Veritatis Splendor*, PPC, Madrid 1994.

1.3 Artigos

AMATO A., *La morale cristiana come vita in Cristo*, em LUCAS LUCAS R. (a cura di), *Veritatis Splendor. Testo integrale con commento filosofico-teologico tematico*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1994, 169-185.

BASTIANEL S., *L'enciclica sulla morale: Veritatis Splendor*, em *CivCatt* 144/4 (1993) 209-219.

BRUGUES J.-L., *Magistero e morale: novità nella tradizione*, em *SacDoc* 5 (1994) 5-39.

CONTI M., *La morale dell'allenza*, em G. CONCETTI [a cura di], *Veritatis Splendor. Lettera enciclica di Giovanni Paolo II*, Edizioni Viveri In, Roma 1994, 23-56.

DE LA POTTERIE I., *"Non sono venuto per abolire ma per dare compimento"*, em *Lettera Enciclica Veritatis Splendor del Sommo Pontefice Giovanni Paolo II. Testo e commenti*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1994, 163-166.

GARCÍA FERNÁNDEZ C., *Vida moral y perfección cristiana*, em DEL POZO ABEJÓN (dir.), *Comentarios a la Veritatis Splendor*, BAC, Madrid 1994, 517-539.

LAGHI P., *Introduzione: Cristo, Dio-Uomo*, em LUCAS LUCAS R. (a cura di), *Veritatis Splendor. Testo integrale con commento filosofico-teologico tematico*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1994, 11-17.

MATTAI G., *Veritatis Splendor. Riflessione introduttiva all'enciclica morale di Giovanni Paolo II*, em *Asp.* 41 (1994) 25-38.

SOBRINO J., *Seguimiento de Jesús*, em FLORISTÁN C. - TAMAYO J. J. (eds.), *Conceptos fundamentales del cristianismo*, Editorial Trotta, Madrid 1993, 1289-1296.

TEPAS K.M., *"If you wish to be perfect..." Images of perfection in Veritatis Splendor*, em ALLSOPP M. E. - O'KEEFE J. J. (eds.), *Veritatis Splendor: American Responses*, Shed & Ward, Kansas City 1995, 48-59.

**Prof. Dr. Pe. Pedro Moraes Brito Júnior*

Mestre e doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana da Pontifícia Universidade Lateranense (Roma). É professor de Teologia Moral na Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Feira de Santana.

Endereço: Av. Senhor dos Passos, 556
44010-231 – Feira de Santana – Ba
e-mail: pepedrojr@uol.com.br